

A BÍBLIA E A MÚSICA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA: Melodia.

The Bible and the Contemporary Christian Music: Melody

Ozéias Vieira dos Santos¹

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade levantar questões a respeito da ligação entre a Música Evangélica Contemporânea e as Escrituras. Não se propõe apresentar conclusões finais e absolutas aos debates, contudo, levantar vários elementos que compõem o cenário musical evangélico e fazer um diálogo entre os teóricos da área musical e os da teologia, procurando achar um ponto de equilíbrio para o uso da música cristã de qualidade. A metodologia usada no referido documento é a pesquisa bibliográfica e se baseia em autores brasileiros, em obras traduzidas de línguas estrangeiras, em pedagogos, teólogos e educadores musicais. O resultado obtido pela pesquisa destaca pontos importantes do fenômeno da Música Evangélica Contemporânea e revela que muitos elementos que estão presentes nesse segmento musical evangélico, também estão presentes na música que acontece no ambiente secular. Dessa forma, o presente debate se torna fundamental, pois muitos podem estar equivocados em sua opinião e não sabem disso, apesar de estarem agindo com sinceridade. A conclusão obtida pelo autor é a de que a melodia muitas vezes não se coaduna com a mensagem cristã, pois, o que se percebe é o uso de técnicas específicas com o objetivo exclusivo de tornar a música vendável.

Palavras-chave: Música; Melodia; Gospel; Bíblia.

ABSTRACT

The purpose of this article is to raise questions about the connection between Contemporary Gospel Music and the Scriptures. It is not proposed to present final and absolute conclusions to the debates, however, to raise several elements

¹ Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Especialista em Ensino da Arte pela Faculdade de Artes do Paraná. Licenciado em Música pela Faculdade de Artes do Paraná. Bacharel em Teologia pela Faculdade Cristã de Curitiba..



that make up the evangelical music scene and to make a dialogue between theorists in the musical field and those in theology, trying to find a balance point for the use of Christian music in quality. The methodology used in that document is bibliographic research and is based on Brazilian authors, on works translated from foreign languages, on pedagogues, theologians and music educators. The result obtained by the research highlights important points of the phenomenon of Contemporary Evangelical Music and reveals that many elements that are present in this evangelical musical segment, are also present in the music that happens in the secular environment. Thus, the present debate becomes fundamental, since many may be mistaken in their opinion and do not know it, despite being acting with sincerity. The conclusion reached by the author is that the melody is often not in line with the Christian message, because what is perceived is the use of specific techniques with the sole purpose of making music salable.

Key words: Music. Melody. Gospel. Bible.

INTRODUÇÃO

O referido tema tem por finalidade debater a música evangélica cantada atualmente. Considera-se de muita importância esse debate, uma vez que, muito tem se cantado, contudo, pouco se percebe de cristão no que é entoado. Embora o assunto seja de vital importância, os debates que ocorrem são superficiais e os autores quase sempre são músicos, os quais defendem suas opiniões equivocadas a qualquer custo. Por isso, discutir esse assunto é de indispensável relevância. Sendo assim, estaria a melodia dessas músicas de acordo com a mensagem cristã, ou melhor, seriam os mais apropriados?

O artigo fundamenta-se sobre o referencial teórico de autores e pensadores renomados, tanto da música, quanto da reflexão teológica a respeito do tema. Por exemplo: Tim Fisher, Donald P. Hustad e Michael D. Palmer e Misael Passos, os quais concordam que se deve ter cuidado com a música que é usada no ambiente evangélico. Além disso, também foi citado um autor da área da pedagogia musical como Murray Schafer. Entretanto, também existem outros que divergem do mesmo assunto, como Amy Grant, Larry Norman e Michael Smith. Esses autores são referenciais da Música Cristã Contemporânea e defendem ponto de vista adverso ao do grupo inicial.



O presente documento está dividido em três partes respectivamente. A primeira aborda a questão da melodia apropriada para o culto cristão. Sabe-se que não é qualquer melodia que completa essa finalidade, pois, muito se percebe de músicas gravadas com técnicas em escalas específicas e numa combinação de ritmo e melodia sentimental a qual produzirá no ouvinte a sensação de emoção que o autor quiser. Não só isso, mas também se percebe a finalidade nas quais os autores evangélicos querem chegar que é mercadológico. Sendo assim, o que objetivam é manipular a plateia com o objetivo de ter um cliente a mais e não um adorador do Senhor Jesus Cristo.

A segunda parte, trata da música feita no Antigo Testamento, seus referenciais e seus conteúdos no que se refere à letra cantada. O ambiente em que acontecia o culto no AT, era de exclusividade total da cultura judaica, haja vista em todo o repertório de canções judaicas tinha um objetivo louvar o criador e exaltar os seus feitos, ou seja, cantava a relação do povo com Deus. Nessa mesma senda a Igreja Primitiva louvava a Jesus, porque estava bem próxima dessa cultura. Muito embora aos poucos foi se afastando à proporção que fundamentava suas doutrinas.

A terceira parte, desenvolve o período da Idade Média, com a Reforma Protestante, na qual se fundamentou um estilo chamado de evangélico. Dessa forma, se criou uma tradição evangélica, que está tendo uma ruptura pela cultura gospel o qual rompe com os estilos anteriores e não se presta a dar o devido cuidado para com o tratamento da música no culto cristão.

Toda música, de acordo com Palmer (2000, p. 334), “é apropriada para o cristão, [...] porém, o princípio predominante para a nossa música é: Deus é a nossa audiência primária”. O entendimento desse documento deve ser esse. Com isso não se quer defender o uso indiscriminado de qualquer tipo de melodia na adoração. Logo, esse texto visa defender esse ponto de vista, de que a música cristã deve ter por premissa a sua submissão às Escrituras, isto é, a música deve ser serva dela, pois, não há como divorciar uma coisa da outra.

1 – Relações entre a Melodia e a Mensagem Cristã

A melodia na música é a parte essencial, pois ela marca um estilo, como os outros elementos dessa arte. Ela, de acordo com Med (1996, p.



11), “é o conjunto de sons dispostos em ordem sucessiva” (concepção horizontal da música). Já de acordo com Schafer (1991, p. 81), “uma melodia pode ser qualquer combinação de sons. Há melodias mais ou menos bonitas, dependendo do propósito para o qual foram pensadas”. Esses dois teóricos da área musical dispõem que existe uma ordem sucessiva dos sons, e que há uma finalidade para que uma melodia seja escrita, ou seja, ela não existe por acaso. A melodia é a parte da música que tem a habilidade de tocar as emoções dos ouvintes. Para Schafer (1991, p. 82):

Melodias podem ser feitas para se movimentar nas regiões do cosmos. Por tradição, o Ocidente acostumou-se a associar melodias mais agudas com os céus e mais graves com a terra (ou inferno). Não é preciso necessariamente ser assim, porém muitos compositores clássicos sentiram dessa maneira.

Com essa afirmação, o referido autor quer mostrar que existe por parte dos compositores uma finalidade quando escrevem uma melodia, isto é, existe um objetivo por traz de qualquer composição. Logo, nenhuma melodia é escrita ao acaso, elas nascem de uma inspiração e, sendo assim, tem uma finalidade quando são enviadas ao público o qual querem atingir. Por isso, pergunta-se qual o objetivo dessa música evangélica que é feita no Brasil hoje? Será que tem por objetivo a adoração a Deus unicamente ou deve haver outros objetivos?

Nesse sentido, a música programática, - a música que conta uma história-, começou a ser usada no período romântico pelos compositores eruditos foi-se aperfeiçoando até chegar aos dias de hoje. Esse estilo de música erudita tem por finalidade a descrição de uma história através da música. Dessa maneira, qualquer cena pode ser descrita, isto é, qualquer atitude, gesto, movimento, emoção e sentimento, podem ser descritos por uma combinação de melodia e ritmo. Nesse sentido descreve-se a opinião de Bennett (1982, p. 60):

Os estreitos laços ligando a música à pintura e à literatura, durante o romantismo, levaram os compositores a terem um vivo interesse pela música programática- a música que “conta uma história” ou, de certo modo, é descritiva, evocando imagens na mente do ouvinte.



De acordo com esse autor, pode-se inferir que foi nesse período da história da música que se começou a “manipular a emoção das pessoas” diretamente. Não que não houvesse emoção na música antes, pois isso sempre existiu. O que se observa que começou a acontecer foi um direcionamento da música para uma finalidade específica. De maneira que, foi montada uma técnica que possibilitava ao compositor atingir o objetivo que quisesse na sua plateia. Exemplificando esse argumento, pode-se citar a Sexta Sinfonia de Beethoven, denominada por ele mesmo como Pastoral, isto é, lembra o ambiente pastoril, com sons de pássaros e movimentos lentos e depois, no último movimento, descreve uma tempestade.

Em relação a essa música, Beethoven citado por Bennett (1982, p. 60), afirma que “era mais expressão de sentimento do que programática”. Após esse período a técnica foi aperfeiçoada por completo e o que se percebe hoje é uma manipulação intensa dos sentimentos das pessoas. O problema é que essa prática não havia chegado ao meio cristão, no entanto, nos últimos anos ela tem dominado o meio evangélico.

Sabe-se que ainda no período do Barroco já havia uma crença por parte dos compositores. Eles criam num conceito chamado doutrina dos afetos, como descreve Palmer (2000, p. 335): “eles criam que certos ritmos específicos e padrões melódicos específicos têm um significado particular que pode ser usado para realçar o significado do texto”. E que esse pensamento vem desde Platão (cf. PALMER, 2000, p. 335).

Essa técnica de manipular o sentimento das pessoas não deve ser desprezada, porque a emoção é parte fundamental do ser humano. Sendo assim, por meio de uma melodia trabalhada com o objetivo de ser vendável ou que esteja de acordo com o mercado musical cristão, vai obter o lucro desejado. Por conseguinte, essa melodia é escrita nos moldes do que um mercado exige. Isso no que diz respeito à melodia escrita para essa finalidade. Quando se diz que não havia isso no meio evangélico é que não se escrevia ou gravava com essa finalidade exclusiva de vender. Em relação a esse assunto Hustad (1986, p. 38) explica: “Certos tipos de melodia e de formas vocais podem fazer as pessoas se lembrarem de que estão no lugar tradicional de adoração e encorajá-las a pensar em Deus e sua revelação aos seres humanos”.

O fato é que, se algumas melodias levam a adorar pode ser que outras tragam o efeito contrário na pessoa a ela submetida. A música



tem esse poder de levar a alma do ouvinte a um estágio de contemplação da presença de Deus. Para confirmar ainda essa ideia sobre a manipulação das emoções, *ibidem*: “Recentemente foi discutida a ideia de ‘manipulação’ em conexão com os esforços para conseguir mais envolvimento pessoal e emocional na adoração”.

A manipulação dos sentimentos é algo da vida e não só da música evangélica. O problema reside no fato de que isso aconteça simplesmente para objetivar lucros, mercantilizar a fé e produzir, dentro das comunidades, fãs de carteirinha. Por outro lado, há quem discorde dessa teoria, afirmando que apesar de haver manipulação das emoções qualquer música pode ser usada na adoração a Deus. No entanto como a Igreja primitiva adorava a Deus, e no Antigo Testamento qual o estilo musical que imperava, além disso como o gospel faz essa aproximação? Pois eles são os referenciais. São temas da próxima parte..

2 – A Música nos Tempos Bíblicos e a Música Gospel

Qual tipo de música era usado na Igreja Primitiva? Conforme, Hustad (1986, p. 39), parece que na Igreja Primitiva o estilo determinado era só os salmos hebraicos, esse era “inspirado por Deus”, e que a cantilena com que os hebreus liam as Escrituras eram tanto inspiradas quanto às próprias palavras. A mesma concepção tinha Calvino, pois só os salmos franceses eram cantados nos templos da Igreja Reformada, (cf. Hustad, 1986, p. 39). Nesse caso ele queria evitar cantar outro estilo de música que não fosse o “apropriado para o culto”.

Entende-se que não seria bom caminhar nem para um extremo nem para outro, o equilíbrio seria muito bom. O fato é que, na música secular isso acontece há muito tempo, mas no meio cristão evangélico começou há pouco tempo, devido ao crescimento desse mercado, o que acabou por trazer muitos artistas seculares e empresários desse ramo para o meio dos crentes. Para Moser (1996, p. 26):

Há um abismo crescente entre a Música Cristã Contemporânea e a igreja- entre o que está verdadeiramente acontecendo no mundo real do ministério de música da igreja, e o que estamos fazendo na MCC. De fato, eu provavelmente estaria mais inclinado chamar a indústria de ‘música cristã comercial’, do que música cristã contemporânea.



De fato, essa opinião do referido músico, vem colaborar com o debate. Porque o que muitos objetivam no meio cristão é realmente o lucro. E para isso são capazes de recorrer a qualquer técnica a fim de conseguir seus objetivos. Então, pergunta-se: para quem se deve cantar? Para elevar a autoestima dos homens ou para Cristo? Para alcançar a santidade ou simplesmente a alegria? Qual a fonte da fé? A experiência ou as Escrituras? O que se quer com a música, adorar ou vender?

As Escrituras são claras em relação a esse assunto. A função, no AT, é de glorificar a grandeza do Deus de Israel. A coleção de canções dos israelitas, os Salmos, são um exemplo disso, porque apesar de existir um leque de estilos, como: didático, de gratidão, de louvor, histórico, imprecatórios, da Lei, messiânicos, da Natureza, penitenciais, de peregrinação e de súplica; todos estão comprometidos em exaltar a grandeza de Deus. Tome-se, por exemplo, o primeiro verso do Salmo 138, ACR (2004, p. 765) diz: “eu te louvarei, Senhor, de todo o meu coração; na presença dos deuses a ti cantarei louvores”. Isso prova o objetivo da canção deles: era para louvar. Os cristãos precisam atentar para esse detalhe. Como explica Mendonça (2008 p. 220):

O universo do gospel não consiste apenas de músicas e letras que abordam temas religiosos cantados por músicos evangélicos. Nos primeiros anos do novo século, o gospel revela-se a estrutura da tecnologia e do mercado evangélicos que se desenvolveram em seu entorno e, sobretudo, faz parte das novas atitudes e condutas cristãs geradas a partir das transformações religiosas e culturais experimentadas na dinâmica da pós-modernidade.

O referido autor denuncia a cultura *gospel* como uma estrutura de mercado, nesse caso, mercado evangélico. Isso foi desenvolvido nos últimos anos no meio evangélico brasileiro e veio com muitos elementos agregados, com uma estrutura fortíssima e atual. Outra situação que está a ocorrer no meio evangélico é que, além de fazer uso da melodia com função puramente comercial, outros fazem uso de ritmos que desprezam por completo a melodia, isto é, estão tornando a música mais pobre ainda. É o caso do rock e do rap, como afirma Fisher (1992, p.117):



A maioria das músicas rock abandonaram o interesse melódico há muito tempo. Por isso, se a melodia é importante por que tê-la? Isto é exatamente o que a “música” rap tem feito. Ela tem enfatizado o ritmo com o único elemento musical importante, ao mesmo tempo em que desenfaz a melodia e a harmonia até o ponto onde se tornam virtualmente inexistentes.

Sendo assim, se a melodia que é a parte da música que se ocupa em manifestar as emoções, esses compositores desses estilos estariam querendo afirmar que suas emoções não existem, ou de fato, como fazem os adeptos desses estilos na sociedade secular, sem compromisso com as Escrituras, dizendo com suas letras, uma vez que não há melodia, seus protestos, iras, rancor, ódio, dentre outros sentimentos. Nesse sentido, se entende que foi essa a manifestação do rap, desde seus primórdios nos EUA, no bairro do Broklim, na sua gênese. Lá, a música era expressa para protestar contra o abandono por parte do Estado das comunidades negras que lá viviam.

Elas não tinham infraestrutura básica como saneamento, escolas, segurança e demais serviços, por isso, abandonados à margem da sociedade eles gritavam uma combinação de falas, sem melodia e harmonia. Junte-se a isso a batida seca da música, com um ritmo intenso e repetitivo, o qual leva os ouvintes ao delírio. O uso desse tipo de música não seria conveniente para adoração no culto cristão, pois a gênese dele é totalmente secular, não só isso, mas também deve-se levar em conta a finalidade em que foi composta. É bem verdade que não existe melodia cristã e melodia mundana, melodia de Deus ou de Satanás, todavia, o que está ao nosso alcance é a finalidade, o objetivo, a razão pelas quais foram escritas, e isso seus compositores não escondem.

Esse fato que está a ocorrer no meio cristão, é que por um lado alguns compositores escrevem melodias com o objetivo de “brincar com a emoção dos ouvintes”, a fim de vender, outros desprezam a melodia completamente, por causa de seus estilos. Outros fatores preponderantes, são os outros elementos da música os quais na sua totalidade, revelam o estilo musical, fato que não pode ser desprezado, porque, se tirar algum elemento perde-se a finalidade do estilo. Para exemplificar, quando um autor evangélico se apropria de um refrão cantado (ritmo *funck*), e traz para o meio evangélico e grava, comete um desvio de finalidade dentro da arte, porque esse estilo musical, na sua



essência, não comporta esse tipo de letra, ela não faz parte desse ambiente. Quando nasce um estilo, tem seu ambiente, seu ritmo e melodia, ou seja, não é só o ritmo que faz aquele estilo de música, mas o todo, inclusive os tipos de poesias.

Por exemplo, a melodia de um estilo musical não cabe no outro. É o caso do estilo harmônico do rock e o da bossa-nova, os quais são completamente diferentes um do outro. O fato de um compositor escrever uma melodia e poesia do ambiente da bossa e cantar com harmonia do mesmo estilo, contudo, na velocidade do ritmo do rock, não faz da música um rock, porque os outros elementos não acompanharam o todo do estilo. Isso porque cada um tem suas características próprias. Quem assim procede, o faz por falta de conhecimento, por não saber os fundamentos daquele estilo.

Esse fato é de fácil comprovação, porque há rádios evangélicas que dedicam parte de suas programações para o estilo sertanejo universitário gospel ou cristão. Porém, como argumentado acima, o estilo sertanejo universitário tem seu ambiente e decididamente não é o meio evangélico. Cantar músicas nesse ritmo sertanejo, com letra supostamente evangélica, é um disparate com os dois estilos musicais, isto é, desrespeitar o estilo por não conhecer as regras e a história da música. Em relação a esse fato, Passos (2002, p. 1) opina que:

Pior do que a letra ser um desastre é a profanação de diversos “hinos” que não passam de uma adaptação grosseira de temas musicais de sucesso da música secular, que são trazidas sem dó nem piedade para dentro de nossas igrejas. Este tipo de ofensa contra Deus é bem declarado em Ez 22.26 onde diz: [...] Profanam as minhas coisas santas; entre o santo e o profano não fazem diferença, nem discernem o impuro do puro.

Sem dúvidas a opinião do maestro vem elucidar o debate, pois, de fato, é o que tem acontecido dentro dos templos uma verdadeira profanação, mistura entre a música feita num ambiente de pecado e as escritas para adorar a Deus, semelhante ao que ocorria em Israel. Ao considerar que a música cristã é para adoração a Deus e que essa letra cantada precisa ser pensada, seria razoável usar melodias calmas, que priorizam a meditação na letra cantada e não o contrário, como fazem esses estilos que desprezam por completo a melodia e falam qualquer



coisa. Sobre esse assunto, Passos (2002 p. 3) entende que: "Um hino deve levar conforto, produzir reflexão, meditação e devoção". Entende-se que a melhor opção para atingir o objetivo proposto seria usar esse estilo de melodia, ou seja, calma, serena, tranquila e que priorize a meditação.

Dentro desse assunto, Bontempo argumentando temas relacionados à saúde, no *Jornal Oásis Paranaense*, coluna especializada em musicoterapia (2007, p. 8), afirma que: "no caso da dor, a música melodiosa, terna e serena determina efeito analgésico ou anestésico. [...] efeito oposto ocorre com sons estridentes, muito fortes [...]". Essa afirmação científica leva à uma reflexão sobre o uso de músicas com excepcionais melodias, bem escritas e ricas, proporcionando ao ouvinte uma boa experiência musical. A opinião é neutra, todavia vem trazer base científica para o debate. Mas qual seria o estilo de música evangélica, existe esse estilo? E qual a sua tradição, pois sabe-se que desde os reformadores já se fazia música nos templos..

3 – A Música Evangélica e os Reformadores: propósitos

Pergunta-se então, se existe um estilo de música evangélica que contenha característica própria e que possua os elementos que a diferencie das demais. Sem desejar esgotar o assunto e nem dar a palavra final, seria oportuno começar por definir o que é evangélico, pois, se assim o for pode-se ligar a música e toda cultura a uma tradição, a evangélica. Sendo assim, Hustad (1981, p. 16) entende que:

Evangélico, adj. 1. Que concerne ou que está de acordo com evangelho e seus ensinamentos. 2. Pertencente a igrejas cristãs que enfatizam os ensinamentos e as autoridades das Escrituras, especialmente do Novo Testamento, em oposição à autoridade da igreja propriamente dita e que enfatiza como supremo o dogma de que a salvação é alcançada mediante a conversão pessoal à fé na expiação de Cristo. 3. Pertencente a certos movimentos nas igrejas protestantes nos séculos XVIII e XIX, que enfatizam a importância da experiência pessoal do sentimento de culpa pelo pecado, e de reconciliação com Deus através de Cristo. (4,5...).



Por essa primeira definição, percebe-se que existe uma cultura evangélica baseada na afirmação das Escrituras, como regra de fé e no dogma da salvação na expiação de Jesus Cristo. A música como parte desse todo também, deve ter um modelo ligado a essa tradição. Objetivando clarear mais ainda a definição Hustad, (1981, p.17) ratifica a sua visão destacando que:

1. Eles têm a mente Ocidente (católico-romana) e não do Oriente (ortodoxo oriental). A ortodoxia historicamente é mais *mística*, e considera as suas doutrinas e suas liturgias como “mistérios” que devem ser adorados; a igreja ocidental é *mais racional* e desenvolveu os seus filósofos/teólogos /pregadores a partir de Tertuliano, Agostinho e Tomás de Aquino, até os dias atuais. 2. Eles fazem parte da sucessão dos grandes reformadores dos séculos XV e XVI: Zwinglio, Lutero, Calvino e Cranme. De acordo com Ramm os reformadores colocaram a Palavra de Deus acima da igreja e suas tradições, e ensinaram a “justificação pela fé somente”. Eles também reconstruíram a doutrina da igreja..., seus pastores são como “ministros as Palavra de Deus” e não como sacerdotes com poder de perdoar pecados e de transformar o pão e vinho no corpo de Cristo. (...). 3. Eles permanecem inamovíveis (ou se arrependem de sê-lo) em relação às heresias do “Iluminismo” (séculos XVII e XVIII) e do “modernismo” (fim do século XIX) (...).

Como se percebe, a tradição evangélica optou pela vertente mais racional da igreja e a tradição musical acompanhou esse movimento paralelamente. No caso dos reformadores não era qualquer música se usava na liturgia dos quais nascera? A resposta é definitivamente não. De acordo com Blume (1974 p. 8) “o autor preferido de Lutero era Joaquim de Prez, que nesse caso era o mestre do canto no estilo erudito da época”. Este disse que havia música boa na época tanto como ruim, afirmou ainda haver mentes pervertidas as quais prostituem essa arte com suas práticas eróticas, e que quem assim procedia havia furtado o dom de Deus e adorado ao adversário do criador (cf. BLUME,1974 p. 8).

Sendo assim, percebe-se que no caso desse reformador, não havia neutralidade no caso da música e nem todo estilo servia para ele. Porém,



muitos advogam que Lutero se serviu de melodias seculares para seus hinos, todavia, como afirma Fisher (1992, p. 215), “mesmo a fonte secular da época era controlada pela igreja”, ou seja, não tem nada a ver com o ambiente secular de hoje. Confirmando ainda essa ideia Blume (1974, p. 5), afirma que: “o protestantismo preservou a classificação medieval do mundo, sendo a arte sujeita a disciplina intelectual caracterizada por piedade, de maneira que quase não havia diferença entre música sacra e secular naquela época”.

Portanto, afirmar que Lutero transigiu com a música profana é uma irresponsabilidade e da mesma forma querer comparar as duas situações, a atual e daquela época. Enquanto alguns artistas evangélicos querem aproximar a música evangélica da secular, Lutero fez exatamente o contrário. Como explica Hanrrell (1980 p. 21), “a maneira melhor de negar a música de fora do ambiente cristão seria desritmá-la, e foi o que ele fez com seus corais, os quais tinham um ritmo marcado, mas em nada lembravam as canções seculares da época ou as músicas dançantes”. Tome-se, por exemplo, o hino da reforma protestante, Castelo Forte, como ficou conhecido, do Cantor Cristão (1997, p. 323) a sua primeira estrofe:

Castelo Forte é nosso Deus. Espada e bom escudo. Com seu poder defende os seus em todo transe agudo. Com fúria pertinaz persegue Satanás. Com artimanha tais e astúcias tão cruéis. Que igual não há na terra.

Esse seria o que demais próximo temos hoje. Uma melodia incrível, excepcional, calma, tranquila e com uma letra majestosa, que decididamente leva o cantor a meditar nas palavras cantadas. E, além disso, os reformadores usaram a música como outro meio de pregar seus sermões, ou seja, eles encheram suas músicas de bíblia e, criaram um ambiente que foi chamado posteriormente de sacro. O que não aconteceu por acaso.

Outro assunto que se debate na música evangélica é a finalidade dela, pois, como alguém tem afrouxado o limite dela com a secular, ficou imperceptível essa diferença. No caso da música profana, o objetivo é cantar para o entretenimento das pessoas, isto é, cantam-se melodias que agradem as pessoas. Quanto mais isso acontece mais se vende o objeto de consumo. Em relação a esse assunto, Hustad (1980),



cita Agostinho que denuncia o perigo de se buscar o prazer na música evangélica: “quando fico comovido pela voz daquele que canta mais do que pelas palavras cantadas, confesso que pequei”, ou seja, no caso da melodia cantada para Deus o objeto não deve ser o prazer, simplesmente, mas a adoração a Ele.

O autor supracitado afirma que é um perigo quando a música sacra está divorciada de uma experiência de adoração, comunhão ou evangelização e que isso pode ocorrer em alguns “concertos sacros” ou em “programas evangélicos” no rádio. Podem-se atualizar as palavras do autor como em shows evangélicos e no chamado “louvorção”.

Esse assunto é de primordial importância, visto que, Deus está interessado na música da igreja, como afirma Palmer (2000, p. 335), pois, a Bíblia está repleta de música por toda a parte. De acordo com ARC, (2004, p. 7) em Gênesis 4. 21, se encontra Jubal, que é “o pai de todos os que tocam harpa e órgão”. O mesmo ocorre em Apocalipse 15.2-4, de acordo com AC (1990, p. 272), onde se vê aqueles que venceram a besta cantando: “e cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro”. Enfim, a Bíblia está repleta, do início ao fim, de música.

A finalidade desse documento não é fechar a questão da melodia que deva ser usada na música cristã, mas analisar, sob a luz da ciência, e das Escrituras e do contexto histórico, qual o tipo de melodia seria mais apropriado para o ambiente eclesial, ou seja, qual o melhor meio de se transmitir a mensagem do amor de Deus.

Considerações Finais

O tempo atual constitui-se de desafios para os cristãos, pois, para servir ao Senhor Jesus se exigirá do fiel uma atitude de coragem. Sim, para estar no meio desse alvoreço, porém com o coração fora da situação de mistura que se vive hoje. A letra das canções dos dias presentes muito tem a falar. Muito se compõe, se escreve e se copia. Muito plágio e versões de canções mundanas são escritas e se cantam “para Deus”. Mas será que Deus não pode capacitar alguém para escrever uma melodia que transmita a mensagem da história da Salvação, satisfatoriamente, e que escreva uma letra baseada nos textos das Escrituras? Será necessário plagiar a música do ambiente de fora, fazer adaptações pretensiosas para atrair os inconversos e fazer sucesso?



A igreja canta o que vive e vive o que canta. No início da Igreja Cristã cantavam-se os Salmos Judaicos, pois era de onde a igreja estava se afastando e a fé cristã havia se originado. Mas o conteúdo dos Salmos com algumas ressalvas, da crença da época, era na sua maioria textos inspirados, que adoram ao Deus de Israel na sua excelência. Quando a Igreja se torna um segmento ímpar e se firma como povo diferente de Israel, ela cria a sua teologia, sua mensagem e sua música, pois, como o Judaísmo, o Cristianismo também tem na música uma manifestação de louvor a Deus. Dessa maneira, na Idade Média, foi compilado por Gregório o cantochão ou canto gregoriano. Esses eram músicas atonais, não tinham métrica definida e eram do ambiente eclesiástico, somente. Em nada lembravam as canções dos menestréis que passavam pelos palácios com suas trupes, cantando músicas para os reis dançarem.

A Reforma Protestante e os reformadores trouxeram consigo diversas mudanças na liturgia cristã. Eles passaram a cantar no idioma nativo do povo, a congregação toda participava da celebração, a letra das músicas era extraída das Escrituras e, como em épocas passadas, afastadas do ambiente secular. Outro estilo que se adotou nessa época era o estilo coral, no qual a canção era desenvolvida em vozes, numa riqueza excepcional. Porém, nos dias hodiernos, o que se está a perceber no ambiente cristão é uma verdadeira desconstrução da música evangélica. Uma irresponsabilidade para com o Reino de Deus, pois em nenhuma época foi assim que se procedeu no meio cristão. O ensino nessa área sempre foi o de andar na contramão do que está acontecendo no mundo secular, mas o que se percebe é o contrário.

As músicas cantadas nas Escrituras são completamente diferentes das que se cantam hoje. Todas as aparições angelicais que estão registradas na Bíblia mostram os seres angelicais adorando a Deus em total submissão. Ele é objeto da adoração, a Ele é que o louvor é dirigido, Ele está no centro e o homem está abaixo, aos seus pés. Mesmo os anjos que são seres poderosos se rendem, se escondem tapando os seus pés e suas cabeças, para adorar o que está no trono. E o que dizer dos ritmos cantados na congregação dos santos? Se tirar a letra que está sendo cantada, algumas vezes, parece que se está num baillão, e por conta da placa denominacional na frente do templo, sabe-se que é um templo evangélico.

Portanto, a melodia que exalta a Deus não deve ser manipulada, ou alterada a fim de conseguir objetivos escusos. Além disso, a Igreja



primitiva cantava uma música calma e tranquila que se aproximava bastante dos salmos judaicos haja vista nessa época ela ainda era considerada uma seita judaica. Não só isso, mas também quando chegou a Reforma Protestante a música cristã teve um destaque especial, pois se criou estilos corais, dentre outros. A congregação se envolvia no louvor, e quanto a finalidade se mantinha a de exaltar o criador. Dessa forma, as letras cantadas eram dirigidas a Deus, só a Ele. Havia um limite claro entre a música cristã e a secular. Não que se deve fechar questão quanto ao assunto, entretanto o que se vê é um comércio desenfreado, um mercado em efervescência, que deve ser contido. Jesus expulsou os cambistas do templo em Jerusalém e, o que Ele faria ao se deparar com essa situação atual? Certo que não aceitaria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA SAGRADA. João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. (ARC). Geográfica editora. 4ª edição, Santo André- SP, Brasil, 2004.

BÍBLIA SAGRADA. João Ferreira de Almeida. Edição Contemporânea de Almeida. Editora: Vida, Deerfield, Flórida, E.U.A, 1990.

BENNETT, Roy. *Uma breve história da Música.* Tradução Maria Teresa Costa. Rio de Janeiro-RJ. Jorge Zahar Editor, 1986.

BLUME, Frederick. *Protestant Church Music* (New York, NY: W.W. Norton e Co., 1974).

BONTEMPO, Márcio. *Medicina Natural.* In: Jornal Oásis Paranense, 2007. Almirante Tamandaré-Pr.

CANTOR CRISTÃO. Juerp, Rio de Janeiro, RJ, Brasil e Editora Vida, São Paulo, SP, Brasil, 1997.

FISHER, Tim. *O debate sobre a música cristã.* Tradução de João Paulo Geraldo de Souza. São Paulo-SP. Editora Batista Regular, 2005.

HUSTAD, Donald P. *A Música na Igreja.* Título original, JUBILATE! *Church Music in the Evangelical Tradition.* Editora Sociedade Religiosa Edições Vida Nova. Edição em português, 1986.



HARRELL, Robert. **Martin Luther, His Music, His Message.** (Greenville, SC: Majesty Music, 1980).

MED, Bohumil. **Teoria da música.** Quarta edição revisada e ampliada. Brasília, DF: Musimed, 1996.

MENDONÇA, José de Souza. **O Evangelho segundo o gospel: mídia, música pop e neopentecostalismo.** Pelotas-RS, Revista do conservatório de música da UFPel. 2008.

MOSER, Stan. **Christiany Today Magazine**, 20 de maio de 1996, vl 40, N.6, p. 26.

PASSOS, Misael. **Hinos Avulsos.** In: **Jornal Voz da Assembleia de Deus.** Junho de 2002. Curitiba-Pr.

PALMER, Michael D. **Panorama do Pensamento Cristão.** CPAD: Rio de Janeiro, 1998.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante.** Tradução Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

